

4/9/60

Considerações sobre o Salão Moderno

(Conclusão da 1.ª pág.)

lhor desde quando vimos pela última vez um de seus quadros, Raymundo Nogueira num ponto notável de sua carreira, com três obras de boa fatura, bom colorido e sólida estruturação, um dos bons envios do Salão de 1960. Firmino Saldanha sem qualquer relêvo, Samson Flexor irreconhecível em suas novas roupagens, Waldir Joaquim de Mattos em nosso entender equivocado.

DESENHO E ARTES

GRAFICAS

Entre os desenhistas que expunham no Salão de 1960, chamaram-nos a atenção alguns poucos. Abelardo Zalar, por exemplo, não foi feliz em seu envio, em que pese a alta categoria do trabalho 207, *Contluência*. Augusto Rodrigues apresentou-se dentro de suas possibilidades. Boa surpresa foi o envio de Hercules Barsotti, o grupo de três *Desenhos* de números 245, 6 e 7. Lothar Charoux nunca nos entusiasmou, o mesmo acontecendo com Babinski, que sem embargo realizou progressos desde o ano passado. Sensibilidade e senso de organização espacial demonstrou Odila Mestriner com suas *Casas*, números 283 e 4. Limpo e vistoso, o desenho de Tenreiro carece de vitalidade, porém. Propositamente deixamos para o fim o envio de Arnaldo Pedrosa d'Horta. Não sabemos, sinceramente, em que se estriba sua nomeada, agora ainda acrescida de um Prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Seus *Pássaros* não convencem nem mesmo a taxidermistas, o traço é vacilante e pouco sensível, o senso de organização espacial precário, somente a apresentação é limpa e bem curada. Quer-nos parecer que o ter atribuído a esse artista o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro foi o pecado maior do júri de 1960. Enfim, o que está feito está feito.

Vejamos rapidamente o que aconteceu no setor da gravura, que tem sido chamada como o que de mais importante produziram as artes visuais entre nós, é claro que após a Arquitetura. Adir Botelho, à medida em que se liberta de certo caráter caricato de que estava imbuída sua arte, ganha em poder expressivo. A técnica não lhe tem mais segredos. Mas parece-nos que sua luta será contra aquela tendência já mencionada. De qualquer modo, esse é seu melhor envio desde que o vemos expondo em salões oficiais. Os *Pássaros* de Anna Letycia deixam ver sua técnica, sua sensibilidade, sua inventiva. Mas essa gravadora não foi muito feliz em 1960, e em nosso entender ficou muito aquém do grupo excepcionalmente bom com o qual concorreu em 1959, e que, segundo pensamos, deveria ter sido contemplado com um dos dois grandes prêmios àquele ano, em lugar de nosso caro Aldemir Martins, que por sinal já se acha em Roma... Darel compareceu esse ano muito bem representado por três peças de excelente nível, enquanto Dorothy Bastos enviou três xilogravuras com mais virtuosismo que qualquer outra coisa. Edith Behring dentro de suas características habituais, não nos entusiasmou; o mesmo podendo ser dito a respeito das três obras de Fayga Ostrower. Gilvan Samico remeteu para o Salão um lote excepcional, que o aponta como dos melhores valores novos das artes visuais, no país. Esplêndio, o trabalho 242, *João, Maria e o Pavão Azul*. Não me convencem todos os *Carreiros* de Iberê Camargo, a despeito da técnica insuperável desse grande gravador brasileiro. Boa surpresa a gravura de Isabel Pons, sobretudo *Pássaro e Ninho*, número 256. A influência de Friedländer fez-se sentir benéficamente sobre essa artista radicada no Brasil. José Lima é um gravador de recursos, e sua peça *Gravura*, número 260 do último Salão, consegue confirmar o alto conceito em que o temos, desde o Salão de 1958. Lígia Pape resolve seu problema simples de modo simples, e resolve-o bem. Já a gravura de Maria Bonomi não nos atrai nem um pouco, o que talvez seja um defeito nosso. Boa a gravura de Miriam Chiaverini, *Metempsicose*, e excepcional o nível técnico da *Gravura*, número 285, de Orlando da Silva, talvez o mais importante discípulo do velho gravador Carlos Oswald, ao lado de Henrique Oswald, Steiner e Darel. As duas *Paisagens* de Renina Katz são o que de melhor produziu essa notável artista, enquanto Roberto De Lamonica e Rossini Perez a nosso ver efetuaram maus envios, ou melhor, envios apenas relativos, mormente o segundo.

ARTES DECORATIVAS

Apenas quatro expositores, todos eles dotados de certificados de isenção de júri: Pamplona, Hilda Goltz, D'Ávila e Newton de Sá. Pareceu-nos que Pamplona levou esse ano a melhor sobre seus companheiros, com seu trabalho *Possibilidade Mural em Fotograma e Formiplac* — a resolução de um problema até aqui insolúvel. D'Ávila não nos convenceu com seus vidros nem com sua *Flora Imaginária* o mesmo acontecendo com Hilda Goltz e suas jarras. Quanto a Newton de Sá, esse artista de sensibilidade e imaginação não foi tão feliz, esse ano, como nos anteriores, a despeito da técnica de que é possuidor, e apesar do excelente trabalho de apresentação de suas duas obras, *Cenário*, *«Rhapsody in Blue»* e os figurinos para a *Tocata Para Percussão*.

RECAPITULANDO

Para nós, portanto, os pontos altos do Salão de 1960, foram o escultor Fernando Jacson Ribeiro, os pintores Iazid Thame, Sheila Branningan, Tomie Ohtake, Carvão, Fukushima, Ubi Bava, Lazzarini e Raymundo Nogueira; os desenhistas Barsotti, Odila Mestriner; os gravadores Gilvan Samico, José Lima e Renina Katz; o decorador Fernando Pamplona. Se tivéssemos de escolher as dez grandes obras do Salão de 1960, mencionariamos a de número 189 de Tomie Ohtake; a 174 de Sheila Branningan; a *Cromática* 10 de Aluizio Carvão; o conjunto de três quadros de Ubi Bava; a gravura de Samico, número 242; a escultura *Um Elementar*, de Fernando Jacson Ribeiro; o quadro 40, de Carlos Magano; o quadro 184 de Fukushima; o conjunto de três quadros de Rubem Valentim, e afinal uma das *Paisagens* de Renina Katz.